



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Matheus Enrique Corrêa Farias

**300:**

**Entre a História e a representação cinematográfica da  
Antiguidade**

Santarém  
2024

Matheus Enrique Corrêa Farias

**300:**

**Entre a História e a representação cinematográfica da Antiguidade**

Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade artigo, apresentado ao Curso de Licenciatura em História para a obtenção do grau de licenciado em História. Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação.

Orientador Prof. Dr. Douglas Mota Xavier de Lima.

Matheus Enrique Corrêa Farias

**300:**

**Entre a História e a representação cinematográfica da Antiguidade**

Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade artigo, apresentado ao Curso de Licenciatura em História para a obtenção do grau de licenciado em História. Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação.

Orientador Prof. Dr. Douglas Mota Xavier de Lima.

Conceito:

Data de aprovação:

---

Douglas Mota Xavier de Lima - Orientador  
Universidade Federal do Oeste do Pará

---

Felipe Tavares de Moraes - Arguidor  
Universidade Federal do Oeste do Pará

---

Mariana Bonat Trevisan - Arguidor  
UNINTER

Santarém  
2024

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA**

---

- F224t Farias, Matheus Enrique Corrêa  
300: Entre a História e a representação cinematográfica da Antiguidade / Matheus Enrique Corrêa Farias. – Santarém, 2024.  
33 p.  
Inclui bibliografias.
- Orientação: Douglas Mota Xavier de Lima.  
Trabalho de Conclusão de Curso - Artigo (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Licenciatura em História.
1. Cinema – Análise histórica. 2. História. 3. Filme cinematográfico - Representação histórica. I. Lima, Douglas Mota Xavier de, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 791.4



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e dois dias do mês de maio de dois mil e vinte e quatro, na cidade de Santarém, do Estado do Pará, realizou-se, via sala virtual, na plataforma de conferência virtual Google Meet, Campus Santarém, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido por Matheus Enrique Corrêa Farias, matrícula 2019001614, intitulado **300: Entre a História e a representação cinematográfica da Antiguidade**, sob orientação do(a) Prof. Dr. Douglas Mota Xavier de Lima, da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). A banca examinadora foi composta pelo(a) presidente, o docente orientador(a) citado(a), e pelos(as) seguintes membros docentes: Prof.(a) Dra. Mariana Bonat Trevisan e Prof. Dr. Felipe Tavares de Moraes. Após a defesa e análise do TCC, considerando a qualidade deste trabalho, a banca deferiu pela (x) aprovação / ( ) reprovação do TCC, atribuindo ao mesmo a nota 7,0. Fica acordado que a referida nota (7,0) está condicionada à entrega da versão final do trabalho, no prazo máximo de 30 dias, a partir desta data, e o mesmo deverá contemplar as observações da banca examinadora. Proclamados os resultados pelo(a) presidente da banca, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu Douglas Mota Xavier de Lima, lavrei a presente ata, que será assinada pelo autor e membros da banca examinadora.

Autor: Matheus Enrique Corrêa Farias

Orientador(a): Douglas Mota Xavier de Lima

Examinador(a): Felipe Tavares de Moraes

Examinador(a): Mariana Bonat Trevisan

Documento assinado digitalmente

gov.br

MARIANA BONAT TREVISAN

Data: 28/05/2024 15:23:57-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

## ÉPIGRAFE

*Lembre-se de nós, a ordem mais simples que um rei poderia dar, lembre-se porque morremos, ele não queria tributos ou canções, nem monumentos ou poemas de guerra ou valores, o desejo dele foi simples.*

*Lembre-se de nós, disse-me ele, essa era a esperança dele, caso alguma alma livre venha a cruzar este lugar em todos os incontáveis séculos ainda por vir que nossas vozes sussurrem para vocês das rochas mais perenes.*

*Vai dizer aos espartanos viajante, que aqui pela lei de Esparta nós repousamos, e assim morreu meu rei, assim morreram meus irmãos. - Texto falado por Dilios, guerreiro Espartano do filme 300.*

*Dedico este trabalho a Deus em primeiro lugar, à minha amada mãe que sempre priorizou me fornecer o estudo como prioridade em minha vida e nunca desistiu de me apoiar nos momentos de dificuldade, ao meu pai que sempre acreditou que eu poderia vencer na vida através dos estudos que ele não teve oportunidade em sua vida.*

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a todas as pessoas e instituições que tornaram possível a realização deste trabalho acadêmico. Sem o apoio deles, este projeto não teria sido concluído com sucesso. Primeiramente, quero agradecer ao meu orientador, Douglas Mota Xavier de Lima, pela orientação dedicada, apoio constante e valiosas sugestões ao longo deste processo. Seus diversos conhecimentos e incentivos foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Aos amigos e os companheiros dessa jornada ao longo do curso de História da UFOPA que estiveram ao meu lado ao longo desta jornada, agradeço a amizade, apoio mútuo e momentos de descontração que foram fundamentais para manter o equilíbrio durante os desafios acadêmicos. Agradeço com especial afeto à turma de História 2019 da qual iniciei no curso e fiz parte durante essa jornada, aos meus amigos que permanecerão para vida ao meu lado, e desejo todo sucesso a eles e aqueles que não permanecerão junto comigo na difícil caminhada de melhorar a educação de nosso país. Por fim, gostaria de agradecer à instituição de ensino Universidade Federal do Oeste do Pará por fornecer os recursos necessários e o ambiente propício para a minha formação e a criação deste estudo.

## Lista de Figuras

<b>Figura 1 - Imagem de representação do exército do rei Leônidas na obra. (300, Warner Bros, 2007).....</b>	<b>14</b>
<b>Figura 2 - Lônidas e seus 300 derrotando persas em grande quantidade. (300, Warner Bros, 2007).....</b>	<b>15</b>
<b>Figura 3 - Representação do Rei Leônidas (300, Warner Bros, 2007).....</b>	<b>16</b>
<b>Figura 4 - Representação de Xerxes, o rei persa. (300, Warner Bros, 2007). .....</b>	<b>17</b>
<b>Figura 5 - Representação do exército espartano (300, Warner Bros, 2007). .....</b>	<b>19</b>
<b>Figura 6 - Representação do exército dos Imortais persas (300, Warner Bros, 2007). .....</b>	<b>20</b>
<b>Figura 7 - Rei Leônidas demonstrando calma (300, Warner Bros, 2007). .....</b>	<b>21</b>
<b>Figura 8 - Rei Leônidas em seu último momento da batalha contra os Persas. (300, Warner Bros, 2007).....</b>	<b>22</b>
<b>Figura 9 - Elefantes de batalha do exército persa (300, Warner Bros, 2007). .....</b>	<b>26</b>
<b>Figura 10 - Emissário persa (300, Warner Bros, 2007).....</b>	<b>26</b>

### **300: Entre a História e a representação cinematográfica da Antiguidade**

Matheus Enrique Corrêa Farias

#### **Resumo:**

O cinema tem a capacidade de representar diferentes períodos históricos, permitindo que o público acesse, por meio dos recursos audiovisuais, eventos e personagens que ocorreram no passado. No entanto, o cinema, assim como outros documentos, não é uma fonte histórica objetiva e neutra, mas sim uma construção cultural que expressa, por exemplo, a visão do diretor e do contexto em que o filme foi produzido. Neste artigo, discutiremos a relação entre cinema e história, examinando a representação de eventos históricos pelo cinema, bem como as limitações e desafios que essa relação pode enfrentar. Para isso, foi selecionado o filme *300* (2007), de Zack Snyder, um dos mais conhecidos e populares filmes históricos dos últimos anos. Baseado na graphic novel de Frank Miller, o filme conta a história da Batalha de Termópilas (480 a.C.), na qual um pequeno exército espartano, liderado pelo rei Leônidas, enfrentou o poderoso exército persa. Discutiremos alguns tópicos do filme em questão, analisando como ele influenciou o gênero e as questões que envolvem a representação histórica no cinema.

**Palavras-chave:** Cinema; História; Representação Histórica.

#### **Abstract:**

The cinema has the ability to represent different historical periods, allowing the audience to access, through audiovisual resources, events and characters that occurred in the past. However, cinema, like other documents, is not an objective and neutral historical source, but rather a cultural construction that expresses, for example, the director's vision and the context in which the film was produced. In this article, we will discuss the relationship between cinema and history, examining the representation of historical events by cinema, as well as the limitations and challenges that this relationship may face. For this purpose, the film "300" (2007), directed by Zack Snyder, one of the most well-known and popular historical films of recent years, has been selected. Based on Frank Miller's graphic novel, the film tells the story of the Battle of Thermopylae (480 BC), in which a small Spartan army, led by King Leonidas, faced the powerful Persian army. We will discuss some topics of the film in question, analyzing how it influenced the genre and the issues surrounding historical representation in cinema.

**Keywords:** Cinema; History; Historical Representation.

## Introdução

O cinema é uma das expressões audiovisuais mais poderosas da sociedade contemporânea e tem sido usado recorrentemente como uma ferramenta para representar eventos e personagens históricos. Segundo Caparelli (2008), desde os primeiros filmes produzidos, ainda no século XIX e nas primeiras décadas do século XX, a história tem sido uma fonte de inspiração para muitos cineastas, sendo alguns filmes baseados em eventos reais, enquanto outros ficções históricas que se passam em um determinado período da história. De todo modo, a representação histórica por meio do cinema pode ser uma maneira poderosa de transmitir discursos sobre o passado.

Muitos filmes históricos incluem cenários autênticos, figurinos e linguagem que ajudam a transportar o espectador para um determinado período histórico. No entanto, a precisão histórica nem sempre é uma prioridade para os cineastas, que muitas vezes fazem concessões dramáticas em nome do entretenimento. Assim como na literatura, na oralidade e na pintura, o cinema também se depara com limitações como forma de expressão. Quando representa temas históricos, por exemplo, o cinema molda seu enredo de acordo com sua própria linguagem, o que implica na simplificação e na imposição de uma narrativa, geralmente, linear, muitas vezes refletindo a perspectiva do criador do filme. Segundo Rosenstone (1997, p. 29-33), esta estratégia narrativa nega outras possibilidades, rechaça a complexidade de causas e exclui a sutileza do discurso histórico. Assim, a incapacidade de um filme debater sobre um tema não pode inabilitá-lo como meio para representar a história.

Qualquer obra cinematográfica tem o potencial de ser considerada um objeto de estudo histórico, assim como qualquer outro registro, uma vez que é criada em um momento específico através da intervenção humana, carregando intenções e significados. Nesse sentido, como afirmar Marc Ferro: “um filme que tem uma temática aparentemente centrada no passado, fala muito mais do presente” (1992, p. 199-215). Dessa forma, torna-se um registro da sociedade que a originou. Filmes de diversos gêneros, como históricos, documentários, cinejornais e ficção, são passíveis de análise, oferecendo diversas interpretações. A compreensão do valor documental de um filme está diretamente ligada à habilidade analítica do pesquisador, sua formação e subjetividade.

Por meio da análise do filme *300*, (2007), de Zack Snyder, um dos mais conhecidos e populares filmes históricos dos últimos anos, o estudo visa contribuir para uma compreensão mais abrangente do uso do cinema como uma forma de representação e interpretação do

passado, enriquecendo assim o diálogo entre a história acadêmica e a cultura popular. Filme que foi construído a partir da obra "300", de Frank Miller, que é uma graphic novel de destaque no universo das histórias em quadrinhos, sendo lançada originalmente em 1998. A obra, caracterizada por sua narrativa visualmente impactante e estilisticamente única, reconta a Batalha das Termópilas, um dos episódios mais célebres da história antiga. Inspirada no filme "Os 300 de Esparta" (1962), a graphic novel de Miller não apenas dramatiza os eventos históricos com uma licença artística marcante, mas também se aprofunda na representação da bravura e do sacrifício dos guerreiros espartanos liderados pelo Rei Leônidas contra as forças persas de Xerxes. A combinação de texto sucinto e arte gráfica arrojada não só estabelece um tom épico e heroico, mas também levanta discussões sobre temas como liderança, coragem e o impacto da guerra na cultura ocidental. "300" destaca-se não apenas pela sua contribuição ao gênero das graphic novels, mas também pela forma como reinventa e celebra mitos históricos, transformando-os em uma narrativa poderosa e visualmente memorável.

Tendo como base tais reflexões, o presente artigo tem como proposta realizar uma análise sobre o uso do cinema como meio de representação histórica, explorando suas potencialidades, limitações e implicações para a construção do conhecimento histórico. Considerando a complexidade inerente à relação entre cinema e história, nosso estudo busca investigar como os cineastas abordam eventos e personagens do passado, examinando as estratégias narrativas, escolhas estéticas e ideológicas presentes nas obras cinematográficas. Além disso, pretende-se discutir o papel do cinema como fonte histórica, analisando como os filmes expressam não apenas os contextos históricos retratados, mas, principalmente, as preocupações e perspectivas contemporâneas dos criadores.

## **Representações históricas no cinema**

Conforme observado por Rosenstone (1997, p. 49), o cinema convencional constrói uma representação do mundo que se assemelha ao nosso mundo real, o qual é tão familiar que raramente questionamos sua origem. Este aspecto é crucial: os filmes buscam persuadir-nos de sua veracidade, sugerindo que são uma representação fiel da realidade. Rosenstone argumenta que os filmes históricos tradicionais seguem um conjunto de convenções cinematográficas, narrando a história de forma linear, com um início, um desenvolvimento e um desfecho. Tanto os filmes de ficção quanto os documentários colocam o indivíduo como figura central no

processo histórico, implicando que a resolução de suas dificuldades individuais tende a substituir a resolução dos problemas históricos de forma geral.

De acordo com Caparelli (2008), nenhum gênero cinematográfico é imparcial, a realidade retratada resulta de uma seleção e controle prévio. No contexto do cinema, diversos fatores devem ser considerados, incluindo a influência da censura, produtores, patrocinadores e outros grupos de pressão envolvidos na produção de cada filme, como o próprio público, que muitas vezes é pesquisado previamente para prever e moldar a recepção do filme. Portanto, o filme não pode ser considerado capaz de reproduzir fielmente a realidade, nem ser definido unicamente como uma forma de arte independente do contexto histórico em que foi produzido. Há a necessidade de articular a linguagem técnico-estética das fontes audiovisuais e musicais com as representações da realidade histórica ou social nelas contidas, ou seja, seu "conteúdo narrativo" propriamente dito.

Segundo Maciel (2009), embora o cinema possa ser uma ferramenta valiosa para representar eventos históricos, também apresenta algumas limitações e desafios. Uma das principais é que a história é vista através da lente do diretor e do contexto em que o filme foi produzido. Em muitos casos, os filmes tomam liberdades criativas para tornar a história mais emocionante ou para se adequar a certos padrões cinematográficos, o que pode levar a uma representação imprecisa da história e à perpetuação de estereótipos culturais, projetando uma representação histórica que pode ser tendenciosa e refletir os preconceitos e valores do diretor e da sociedade em que o filme foi feito.

Outro desafio é a questão da precisão histórica. Os cineastas comumente fazem concessões dramáticas em nome do entretenimento, o que leva a imprecisões históricas e simplificações. Além disso, muitos filmes históricos são baseados em fontes históricas que podem ser contraditórias ou incompletas, o que pode levar a representações conflitantes. Porém, Maciel (2009) destaca que o cinema, apesar de sua limitação em retratar eventos históricos, oferece outras perspectivas valiosas. Por meio da representação cinematográfica, os espectadores podem visualizar paisagens, ouvir sons e testemunhar a sensibilidade dos atores, contribuindo para a construção de personagens históricos em nossa imaginação. Além disso, o cinema nos permite assistir a eventos, sejam conflitos individuais ou coletivos, ou mesmo romances, ganhando vida através do movimento na tela. Ou seja, a representação histórica no meio audiovisual é influenciada por perspectivas diversas, incluindo a visão do realizador e a linguagem utilizada, uma vez que cada meio possui seus próprios elementos específicos de expressão. Nesse sentido, defende-se a liberdade de expressão no campo audiovisual,

reconhecendo a importância não apenas do conceito de história retratado nas telas, mas também da liberdade estética e interpretativa dos eventos históricos. É fundamental compreender a linguagem empregada na produção de um acontecimento histórico e suas regras de funcionamento dentro do contexto audiovisual, pois, como afirma Nóvoa: “Ainda hoje, constata-se que nenhuma forma de criar representações ou duplas do real consegue envolver mais os espectadores do que o cinema, proporcionando uma verdadeira sensação de que se está imerso em outro mundo histórico, em outra época” (NÓVOA, 2024, p. 313).

O historiador francês Marc Ferro (1976), importante referência nos estudos acerca da relação cinema e história, destacou que é fundamental realizar uma análise cinematográfica abrangente, utilizando métodos das Ciências Humanas para examinar não apenas filmes completos, mas também trechos específicos, planos e temas. A análise deve contemplar diversos aspectos, incluindo as imagens, sons e suas interações, assim como as relações entre os elementos cinematográficos, como narrativa, cenário e produção. Além disso, é importante considerar a relação do filme com seu contexto externo, como o autor, a produção, o público e o contexto político. A compreensão da obra de cinema não se limita apenas à sua superfície visível, pois ela representa uma realidade que não é comunicada diretamente. Os cineastas, assim como os escritores, capturam aspectos involuntários da realidade, revelando nuances importantes que podem passar despercebidas inicialmente. Assim, consoante Ferro, o observador deve manter um olhar atento, buscando desvendar os elementos subjacentes, conscientes ou inconscientes, por trás do que é aparente. Quando um filme aborda temas relacionados ao passado, comumente explorados na produção cinematográfica, ele transcende a mera narrativa temporal, passando a comunicar muito sobre o presente. Nesse contexto, o filme se torna uma ferramenta que pode denunciar, legitimar ou confirmar conteúdos relevantes à sua época.

Com base nessa perspectiva, Ferro (1992) revela que o cinema possui utilizações sociais fundamentais ao longo da história, o que evidencia sua função como agente histórico. A representação imagética cinematográfica carrega consigo a capacidade de doutrinar, glorificar ou conscientizar os sujeitos históricos. Essa característica peculiar dos filmes envolve uma dualidade de significados. Em um primeiro sentido, os filmes podem ser apropriados pelas estruturas de poder na construção de um imaginário hegemônico, em conformidade com as correntes ideológicas dominantes. Em um segundo sentido, os filmes podem ser apropriados por estruturas e/ou grupos minoritários, cuja visão de mundo difere do imaginário dominante. Visões que são consideradas por Ferro como certos “lapsos”. Esses “lapsos”, tanto na ficção

quanto nos filmes de notícias, fornecem percepções valiosas sobre a ideologia e a sociedade subjacentes à produção cinematográfica. Ao destacar esses lapsos e suas relações com a ideologia, é possível desvendar o que está implícito por trás da aparência visível, contribuindo para uma compreensão mais profunda e crítica da história e da sociedade representadas no cinema, pois, conforme argumentado por Ferro, a análise histórica do filme e a interpretação cinematográfica da narrativa histórica emergem como os principais eixos a serem explorados por aqueles que se debruçam sobre a interseção entre o cinema e a disciplina histórica (FERRO, 1992, p. 21).

Para Ferro (1992), é necessário analisar criticamente as representações históricas no cinema e considerá-las como uma forma de discurso cultural, que é influenciada pelas circunstâncias políticas e sociais em que o filme é produzido. Ele argumenta que a análise de filmes históricos pode ajudar a compreender as representações do passado em diferentes culturas e sociedades, bem como as mudanças e continuidades na memória coletiva ao longo do tempo. Segundo Ferro, o cinema representa um testemunho singular de sua época, escapando ao controle de qualquer instância de produção, especialmente o Estado. Mesmo a censura não consegue suprimi-lo. Para o autor, o filme possui uma tensão intrínseca, revelando elementos que permitem uma análise da sociedade diferente daquela proposta pelos seus diversos segmentos, tanto pelo poder estabelecido quanto pela oposição.

Ferro (1992) sustenta a visão de que qualquer obra cinematográfica, inclusive aquelas pertencentes ao gênero da ficção, merece ser considerada como um meio válido para a compreensão histórica. Ele argumenta que filmes de ficção possuem uma relevância equiparável a dos documentários, pois têm a capacidade de oferecer uma análise contrária da sociedade contemporânea. Assim, Ferro delinea de forma abrangente o processo interdisciplinar entre cinema e história, destacando a influência da iconografia, em particular o cinema, na formação da consciência coletiva. Ele também enfatiza a importância de os historiadores integrarem o cinema como uma fonte legítima de conhecimento histórico, ao mesmo tempo em que reconhece a habilidade intrínseca do meio cinematográfico em revelar aspectos não evidentes da realidade, como, por exemplo, no conceito memória. Tal relação pode ser percebida no verbete elaborado por Kalina Silva e Maciel Silva no *Dicionário de conceitos históricos*:

Mas a memória não é apenas individual. Na verdade, a forma de maior interesse para o historiador é a memória coletiva, composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que não lhe

pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo. (SILVA; SILVA, 2009, p. 276)

Em síntese, Marc Ferro (1992) defende que o cinema e a história estão intimamente ligados, e que os filmes históricos podem ser uma fonte importante para a compreensão da história e da memória coletiva. No entanto, ele alerta que é necessário analisar criticamente as representações históricas no cinema e considerá-las como uma forma de discurso cultural influenciado pelas circunstâncias políticas e sociais. Ou seja, anteriormente tratado com desconfiança e subestimado como mero produto industrial para o entretenimento de massas, o cinema emergiu como um objeto de extrema importância para os estudos históricos, sendo agora incorporado de forma significativa à agenda documental dos historiadores. Como argumentam Oliveira e Souza, Ferro colocou o cinema em pé de igualdade com outras fontes disponíveis para os historiadores, instando-os a abordar os filmes de maneira crítica e utilizando metodologias apropriadas. (OLIVEIRA; SOUZA, 2018, p. 8)

### **A construção da imagem dos “300”**

O filme *300* foi um marco na história do cinema de ação e dos filmes históricos. O diretor Zack Snyder utilizou uma técnica de filmagem inovadora para criar uma visão estilizada da história, usando efeitos visuais avançados e uma narrativa não linear para contar a história. Essa abordagem teve um grande impacto no gênero, influenciando muitos filmes posteriores que procuraram emular a estética de *300*.

O longa-metragem de 137 minutos, produzido pela Warner Brothers com um orçamento de 60 milhões de dólares, estreou nos Estados Unidos (EUA), em março de 2007 – definitivamente “exagerando o momento para maior dramaticidade” (MOCELLIN, 2009, p. 62). A produção foi iniciada em outubro de 2005 e as filmagens foram feitas em Montreal, Canadá. O site oficial do filme foi lançado pela Warner Brothers em dezembro de 2005, e o primeiro trailer liberado em outubro 2006. Além disso, o sucesso de *300* também levou a um aumento na produção de filmes históricos e de guerra. Muitos estúdios viram o potencial comercial desse gênero e investiram em filmes que retratam batalhas e eventos históricos.

*300* é um filme que foge das convenções estilísticas comuns em adaptações cinematográficas de histórias em quadrinhos. Utilizando extensivamente tecnologia de *chroma key* em estúdio, o filme se insere em um contexto contemporâneo, dialogando não apenas com a arte visual, mas também com as linguagens cinematográfica e de quadrinhos. Representa uma abordagem pós-moderna das imagens como meio de representação histórica, sendo considerado

o primeiro filme a explorar essa temática a partir de uma história em quadrinhos (MACIEL, 2009, p. 68).

O filme *300* inicia com a narrativa de Dilios, um orador espartano que narra a história do rei Leônidas, desde sua infância rigorosa e disciplinada em Esparta até sua morte como rei durante a Batalha das Termópilas. Dilios relata que, durante o reinado de Leônidas, um mensageiro persa chegou a Esparta informando sobre os planos de Xerxes, rei dos persas, para dominar a região. Leônidas, indignado, mata o mensageiro e sua comitiva, e então organiza um exército de trezentos soldados para enfrentar os invasores persas (Figura 1). Ou seja, *300* mostra um dos episódios mais famosos das Guerras Médicas<sup>1</sup>, quando Leônidas, rei de Esparta, juntou 300 de seus melhores homens e reteve o maior exército de seu tempo os combatentes de Xerxes, rei da Pérsia, no estreito das Termópilas. O episódio, narrado nas *Histórias*, de Heródoto, no século V a.C. que foi tratado no Livro VII “Polímnia”, nos parágrafos de 193-238, na edição da editora UNB, tradução de Mário da Gama Cury, de 1988; especialmente, os parágrafos 203 (sobre Xerxes ser deus) e 211 (sobre os Imortais), e 223, 224 (sobre a morte de Leônidas) e 226 (sobre a sombra das flechas persas); e que se tornou uma excepcional lenda militar.



**Figura 1 - Imagem de representação do exército do rei Leônidas na obra. (300, Warner Bros, 2007).**

---

<sup>1</sup> As Guerras Médicas foram uma série de conflitos militares entre o Império Persa e as cidades-estados gregas, notadamente Atenas e Esparta, ocorridas entre 499 a.C. e 449 a.C. Esses conflitos tiveram origem na revolta de algumas cidades gregas da Ásia Menor contra o domínio persa, culminando na invasão persa da Grécia. As batalhas mais famosas dessas guerras incluem a Batalha de Maratona (490 a.C.), a Batalha de Termópilas (480 a.C.) e a Batalha de Salamina (480 a.C.). As Guerras Médicas tiveram um impacto significativo no desenvolvimento político e cultural da Grécia Antiga, consolidando a identidade grega e promovendo o florescimento da democracia ateniense (HERÓDOTO, 1988).

Mesmo sendo um filme histórico, ficção e evidências históricas se embricam na narrativa fílmica de *300*. Como assinalada Langer (2004), alguns estereótipos ou clichês presentes na literatura, na iconografia, nos filmes e nos quadrinhos, acabam por prevalecer sobre a realidade documental, transformando-se em elementos literários eruditos – como o famoso caso do capacete de chifre dos vikings –, e perpetuam-se ao longo da história, encontrando seu lugar, por exemplo, nas histórias em quadrinhos ou assumindo forma no cinema. Isso indica que mitos, ideias, crenças e heróis se associam e permeiam o imaginário social, consolidando-se, por conseguinte, por meio do cinema em um processo interdependente. Além disso, posturas políticas, visões sobre outras culturas e interesses econômicos também podem ser moldados e transmitidos como ideais por meio do cinema (CAPARELLI, 2023, p. 6).

O filme *300* apresenta personagens como Leônidas, Xerxes, a rainha Gorgo e Elfiades, os quais têm suas existências documentadas. No entanto, há personagens fictícios, alguns dos quais inspirados em figuras históricas reais. Dilios, por exemplo, foi baseado em Aristodemus, enquanto Stelios, em Dienece, que, confrontado com a ameaça dos persas de lançarem tantas flechas sobre os gregos que bloqueariam o sol, teria respondido que lutariam na sombra. Daxos, o guerreiro árcade, aparenta ter sido inspirado em Demófilo, embora no filme ele fuja das Termópilas para escapar do cerco persa. O capitão e seu filho Astinos são personagens fictícios, mas podem ter sido inspirados em dois irmãos, Alfeu e Marons. O vilão do filme, o conselheiro espartano Theron, é um personagem fictício (CAPARELLI, 2023, p. 10).



**Figura 2 - Lêonidas e seus 300 derrotando persas em grande quantidade. (*300*, Warner Bros, 2007).**

Em determinado momento do filme, após um ataque por uma grande quantidade de persas, Leônidas e seus trezentos espartanos encontram-se em uma situação de significativa desvantagem numérica. Leônidas, ao observar o ambiente ao seu redor, identifica a presença de um penhasco. Reconhecendo a oportunidade estratégica, ele instrui seus soldados a direcionarem os inimigos em direção ao penhasco. O desfecho resulta em uma derrota devastadora para os persas, que são lançados ao mar (Figura 2). Demonstrando assim que o filme emana a imagem da liberdade dos gregos antigos e de como era importante a união e a garra, para que um pequeno exército de trezentos homens pudesse enfrentar dezenas de milhares de guerreiros do Império Persa (CASTRO; JOSÉ; NÓBREGA; REINALDO, 2011, p. 2).



**Figura 3 - Representação do Rei Leônidas (300, Warner Bros, 2007).**

A distinção entre gregos e persas também é claramente evidenciada em suas características físicas. Uma das diferenças mais marcantes entre as representações dos gregos e dos persas no filme *300* reside na figura dos reis, não apenas em relação ao exercício do poder, mas também em termos de vestimenta. Por exemplo, Leônidas (Figura 3) é retratado com um físico atlético, simétrico e proporcional, sem exageros. Além disso, seu físico se assemelha muito ao padrão contemporâneo de beleza masculina, o que contrasta significativamente com a aparência provável de Leônidas na vida real, dado que a rotina e a dieta dos espartanos durante a época da guerra dificilmente permitiriam um desenvolvimento muscular tão pronunciado (MAIA; COELHO, 2018, pág.487).

A representação imponente de Leônidas e dos espartanos é proeminente, destacando-se pela ênfase na força física através de anatomias robustas e vigorosas. Zack Snyder enfatiza, por meio da rudeza visual, uma característica essencial do guerreiro grego: o corpo viril como símbolo do inabalável espírito de um grupo de homens capazes de enfrentar e deter o maior exército do mundo, sacrificando-se em busca de uma glória imortal. Além de demonstrarem força, virilidade e aptidão física, os corpos de Leônidas e seus companheiros são retratados com uma beleza, perfeição e eficiência acentuadas. O filme utiliza diversos momentos de câmera lenta para convidar o espectador a contemplar o cenário e os corpos em ação, enquanto combatem seus inimigos. A ênfase na observação dos músculos e das veias em movimento cria uma atmosfera contemplativa e extática, sendo que tal êxtase parece menos pertencer ao espectador e mais ao próprio filme (SANTIAGO JÚNIOR, 2013, p. 120).



**Figura 4 - Representação de Xerxes, o rei persa. (300, Warner Bros, 2007).**

Porém, ao contrário do rei de Esparta, Xerxes é retratado como uma figura andrógina, dotada de voz robótica, sem pelos corporais, adornada com piercings e vestindo apenas uma sunga dourada (Figura 4). Através de recursos especiais, maquiagem e figurino, o filme busca representar uma Pérsia exagerada e desproporcional, contrastando com a Grécia, que incorpora os ideais de proporção e beleza. Esta dicotomia entre beleza e feiura também é evidente ao comparar as tropas presentes na Batalha das Termópilas. Os espartanos, liderados por seu rei, exibem corpos atléticos e musculosos, vestindo trajes minimalistas que destacam sua forma física. Em contrapartida, as tropas de Xerxes são retratadas como uma multidão heterogênea, vestindo uma variedade de indumentárias, incluindo chapéus, máscaras e correntes (MAIA; COELHO, 2018, p. 487).

François Hartog (1999), aborda a complexa dinâmica que permeia a figura do tirano na história, situando-a dentro do conceito de *hybris*, onde a personagem do tirano é moldada pela inveja, uma força autossustentável que nunca se satisfaz por completo e que:

tem como fruto a *hybris*, sendo a personagem do tirano nada mais que inveja, que se nutre a si mesma sem jamais saciar-se. Além do mais, o despótes é a presa do desejo (*éros*): desejo sexual e desejo do poder, amor ilegítimo e amor do poder. No conjunto das Histórias, o termo *éros* aplica-se apenas aos reis e aos tiranos: apenas eles experimentam esse desejo excessivo (HARTOG, 1999, p. 332-333).

Além disso, Hartog destaca que o tirano é capturado pela dualidade do desejo (*éros*), envolvendo tanto o desejo sexual quanto o desejo pelo poder. Este último, em particular, é ressaltado como um amor ilegítimo e poderoso, que apenas os reis e tiranos experimentam de forma excessiva ao longo das Histórias. Xerxes, em sua representação cinematográfica – o que também se observa nos quadrinhos de Miller (2007) –, emerge como a personificação dos excessos. Portanto, surge a questão de Xerxes como alguém que sofreu derrota por não reconhecer seus próprios limites. Como pontua Azevedo:

A figura de Xerxes, assim, tem um peso especial, que o destaca frente aos outros personagens que, tal como ele, encarnam o destino funesto dos homens que almejavam um poder exorbitante. Nele se manifesta, mais plenamente que em todos os outros a inconsistência intrínseca ao despotismo monárquico, decorrente do caráter aberrante dos regimes injustos e desregrados (AZEVEDO, 2008, p. 9)

Na representação cinematográfica, os persas são retratados através da figura de um homem que se autointitula um deus, destacando-se pela sua intrínseca ligação com o misticismo e a luxúria. Em contraste com Leônidas, líder espartano, essa representação persa é caracterizada pela falta de compreensão dos valores gregos, que são frequentemente

interpretados como valores adaptados aos da sociedade atual, em favor de uma tirania despótica. A figura de Xerxes, portanto, assume um papel emblemático, personificando não apenas a ameaça militar persa, mas também uma encarnação dos excessos e da opressão despótica. Sua autoproclamada divindade, associada a uma extravagância luxuriosa, serve como uma representação visual e simbólica dos vícios e das falhas morais que os gregos atribuíam aos persas (MACIEL, 2009, p. 54).



**Figura 5 - Representação do exército espartano (300, Warner Bros, 2007).**

Além disso, a falta de compreensão dos valores gregos por parte de Xerxes é ressaltada como um contraponto à visão heróica e virtuosa dos espartanos, representados por Leônidas. Enquanto os espartanos personificam a coragem, a disciplina e o sacrifício em prol da liberdade e da nação (Figura 5), Xerxes encarna a arrogância, a tirania e a desconexão dos valores humanos básicos. Portanto, essa dicotomia entre Leônidas e Xerxes não apenas ilustra a luta entre gregos e persas no contexto histórico da Batalha de Termópilas, mas também reflete temas mais amplos relacionados à virtude, à liberdade e à tirania, contribuindo para uma interpretação mais profunda das representações culturais e políticas envolvidas na narrativa (MACIEL, 2009, p. 54).

Os únicos indivíduos distintos na multidão são os Imortais, uma unidade de elite no exército persa, que se destacam por sua uniformidade e representam os verdadeiros oponentes

do contingente grego, além de serem retratados negativamente. Enquanto os espartanos estão visivelmente armados, expondo seus corpos e rostos, com suas identidades, nomes e histórias considerados relevantes e memoráveis, os Imortais, por outro lado, escondem sua humanidade sob vestes negras, representando a ausência de identidade individual (Figura 6). Essa uniformidade é reforçada pela máscara que usam, anulando qualquer traço distintivo de suas personalidades (DIAZ PLATA, 2011, p. 345).



**Figura 6 - Representação do exército dos Imortais persas (300, Warner Bros, 2007).**

A distinção entre o comportamento moderado e o excessivo não se limita apenas ao aspecto físico, também se apresentando nos comportamentos durante a Batalha das Termópilas. Ao longo da narrativa, os persas são retratados como desajeitados, incapazes de coordenar ataques eficazes e agindo de forma desorganizada no campo de batalha, enquanto os gregos demonstram habilidades de combate bem treinadas, formando uma linha defensiva quase impenetrável com seus escudos e lanças. Esta disparidade comportamental é também evidente nos reis de cada lado. Xerxes, auto-proclamado divino, entra em desespero ao perceber que, apesar da superioridade numérica dos persas, os gregos mantêm uma vantagem tática. Ele expressa frustração, tenta negociar e, cometendo um erro estratégico, envia prematuramente seus melhores guerreiros, os Imortais, para o combate. Por outro lado, Leônidas mantém a calma e o controle em todas as situações (Figura 7). Desde sua despedida da esposa até os

momentos de vitória e mesmo diante do inevitável desfecho da batalha, Leônidas mantém-se imperturbável, sem se deixar levar por emoções excessivas. (MAIA; COELHO, 2018, p. 489).



**Figura 7 - Rei Leônidas demonstrando calma (300, Warner Bros, 2007).**

Segundo Maia e Coelho (2018), Leônidas não busca se distanciar de seus companheiros. Apesar de sua posição como rei, ele é, primordialmente, um espartano como os demais, e seu principal objetivo não é demonstrar riqueza ou poder, mas sim proteger sua cidade, em conformidade com as leis espartanas. As distintas manifestações do exercício do poder em *300* se destacam particularmente por meio de um objeto emblemático: o chicote. Para Xerxes, o chicote é símbolo de seu poder supremo. Para os gregos, por outro lado, o chicote representa a evidência de que os persas são uma sociedade baseada na escravidão. Dessa forma, para o Rei Leônidas, a chave para seu sucesso parece residir na maneira como ele exerce seu poder, buscando, ao contrário do rei Xerxes, um equilíbrio entre suas responsabilidades e prerrogativas como líder.

A vitória de Xerxes, de uma forma geral é falha. Pouco antes de sua morte, Leônidas atinge Xerxes com sua lança, ferindo um rei que se auto-intitula um deus. Além disso, a vitória persa é obtida mediante a traição de Elpiates, ressaltando a fragilidade do império do Oriente. A coragem e a força de Leônidas são tão grandes que nenhum guerreiro persa seria capaz de

derrotá-lo em combate corpo a corpo. Leônidas não sucumbe às mãos de um homem, mas sim às flechas de todo um império, que obscurecem a luz do sol. Todas essas nuances evidenciam a importância da abordagem imagética e visual em *300* e como essa narrativa está repleta de simbolismos que podem passar despercebidos pelo espectador (MAIA; COELHO, 2018, p. 491-492).



**Figura 8 - Rei Leônidas em seu último momento da batalha contra os Persas. (300, Warner Bros, 2007).**

Segundo Maia e Coelho (2018), até mesmo na hora da morte, a beleza acompanha os espartanos. Apesar de não emergirem como vitoriosos, a morte dos espartanos é marcada pela dignidade. Eles não fogem, não recuam, lutam até o último suspiro, alcançando o que buscavam ao longo de toda a narrativa: honra e glória. É esse espírito corajoso que confere beleza à morte espartana. A beleza da morte de Leônidas ressoa nas palavras de sua esposa, imortalizadas tanto no filme quanto nos quadrinhos: "Volte com seu escudo... Ou sobre ele". Assim, como um mártir que sacrifica sua vida por seu povo, pela lei, pela razão, pela liberdade e por sua rainha, Leônidas estende os braços e se prepara para receber a maior honra que um guerreiro pode alcançar: a morte em campo de batalha (Figura 8).

## “300” e suas representações da Antiguidade

Segundo Cristina Berges (2017), a produção realizada por Zack Snyder sobre os trezentos guerreiros espartanos é considerada uma das expressões máximas do colonialismo cultural produzida pelo cinema americano. A autora também destaca que tanto o filme *300* (2007) quanto *300: Rise of an Empire* (2014) são produtos da mensagem ocidental contemporânea sobre o conflito do Oriente Médio, consumido pelas massas como uma visão negativa relacionada aos povos do Oriente, associando o ruim aos seus povos e sua cultura. Isso implica que essas representações foram feitas de formas simplistas, estereotipadas e, em alguns casos, muito ofensivas, e demonstram traços de ignorância deliberada relacionadas a história e cultura de outros povos.

Como assinala Francisco Fernandes (2013), durante uma conferência de imprensa internacional para promover o filme organizada pela Warner Brothers, em fevereiro de 2007, o diretor Zack Snyder foi questionado por jornalistas estrangeiros, que perguntaram diretamente: "George Bush é Leônidas ou Xerxes?". Na mesma conferência, foi afirmado de forma categórica que Leônidas, o rei de Esparta, seria uma representação simbólica do próprio Bush. No mesmo ano, lembra Fernandes, Slavoj Žižek escreveu um texto no qual argumentava que, pelo contrário, a Pérsia seria o império americano, enquanto Esparta representaria povos como os afegãos, que, ao contrário da América multicultural, possuíam uma singularidade étnica. Ou seja, em torno do filme existiu um grande debate não só dentro da área midiática, mas dentro do campo intelectual com relação as imagens que Zack Snyder queria passar ao público a partir da visão de seus heróis espartanos e suas míticas batalhas.

A imagem construída dos quase que perfeitos guerreiros espartanos é problematizada por Fernandes (2013) ao analisar o tema do homoerotismo e da alegoria política presentes no filme *300*. O autor consegue realizar uma conexão entre o confronto cultural entre o Ocidente e o Oriente, e a partir disso aborda como a obra retrata os espartanos como um grupo de guerreiros altamente masculinos e estilizados, com uma camaradagem intensa que pode ser interpretada como homoafetiva. Essa representação homoerótica dos personagens não apenas contribui para a construção das relações de poder e masculinidade dentro do filme, mas também pode ser vista como uma reflexão das dinâmicas e tensões existentes entre o Ocidente e o Oriente. Ainda segundo Fernandes (2013), através do uso de alegorias políticas, o filme estabelece uma dicotomia entre o Ocidente, representado pelos espartanos, e o Oriente, personificado pelos persas. Essa divisão simbólica reflete não apenas diferenças culturais, mas

também conflitos ideológicos e políticos presentes na relação entre as duas regiões. O filme apresenta uma visão estilizada do Ocidente como um bastião de liberdade, heroísmo e democracia, contrastando com a imagem estereotipada do Oriente como uma força despótica e ameaçadora.

Diante disso, ao se aprofundar no tema do homoerotismo e da alegoria política, *300* levanta questões sobre identidade, poder e representação cultural. O filme sugere que as relações de poder e desejo podem desempenhar um papel significativo na construção das narrativas históricas e na formação das percepções culturais entre o Ocidente e o Oriente. Essa abordagem desafia as concepções tradicionais de masculinidade, sexualidade e política, oferecendo uma nova perspectiva sobre a complexidade das relações entre diferentes culturas e sociedades.

Não obstante, segundo Caim (2013), outro ponto importante dentro da obra é o aspecto físico dos personagens no filme, posto que *300* representa e consagra a masculinidade como uma singularidade distintiva. O filme retrata os guerreiros espartanos como símbolos máximos de masculinidade, enfatizando sua força física, coragem e determinação. Uma das principais argumentações de Caim é que o filme estabelece uma visão idealizada da masculinidade, retratando os espartanos como exemplares da virilidade e da bravura. Essa representação tende a excluir outras formas de masculinidade e reforça estereótipos tradicionais de masculinidade, como a agressividade, a valentia e a dominância. Ele também busca explorar em como o filme constrói uma narrativa de glorificação da masculinidade em detrimento de outros aspectos da experiência humana. Ao focar exclusivamente nas qualidades masculinas estereotipadas, o filme negligencia a complexidade e diversidade da experiência humana, incluindo as experiências de mulheres, minorias e outros grupos marginalizados.

Caim destaca algo há muito firmado e ressaltado dentro da cultura ocidental e americana por meio do cinema, a reafirmação de normas e valores patriarcais, contribuindo para a percepção de que a masculinidade é uma característica essencial e superior. Esse enfoque limitado pode reforçar ideias de dominação masculina e desigualdade de gênero, perpetuando padrões prejudiciais à sociedade como um todo, destacando como essa construção limitada e idealizada pode reforçar estereótipos e hierarquias de gênero. Isso nos leva a uma reflexão mais ampla sobre as formas como a masculinidade é retratada e valorizada nas mídias e na sociedade, tanto na época em que o filme foi lançado quanto nos anos posteriores.

A representação de outras culturas é outro aspecto fundamental a ser considerado na análise do filme. As culturas ocidental e oriental, ao serem definidas e colocadas lado a lado no

cinema, frequentemente revelam uma perspectiva que confronta a ideia de civilizações e culturas superiores e inferiores. A intenção por trás dessa representação pode ser tanto deliberada quanto inadvertida por parte dos realizadores do filme (CAPARELLI, 2023, p. 7). De acordo com Diaz Plata (2011), a maneira como o filme *300* retrata a dinâmica entre gregos e persas, destacando a construção estética do Império grego e sua relação com a representação dos persas como "o outro". Ou seja, um dos argumentos de Diaz Plata é que o filme estabelece uma estética dominante que glorifica a cultura grega e marginaliza os persas como uma força invasora e estrangeira. Por meio do uso de elementos visuais marcantes, como figurinos, cenários e simbolismos, o filme reforça a ideia de superioridade cultural dos gregos e perpetua estereótipos negativos em relação aos persas.

Além disso, a autora examina como a estética de *300* pode ser interpretada como uma manifestação do imperialismo cultural, onde o império grego é idealizado e romantizado, enquanto os persas são representados de maneira simplista e estereotipada. Essa representação estética contribui para reforçar uma dicotomia entre o Ocidente e o Oriente, fundada em noções de alteridade e subjugação cultural. Segundo Diaz Plata (2011), podemos compreender como o filme *300* utiliza recursos estéticos para construir uma narrativa que reforça a visão ocidentalizada da história, privilegiando os gregos e desvalorizando os persas.

Essa abordagem estética, segundo Diaz Plata (2011), pode perpetuar estereótipos e preconceitos culturais, reforçando uma visão hierárquica entre as diferentes civilizações. Ou seja, ao enfatizar a estética grega, com seus guerreiros espartanos musculosos, cenários grandiosos e simbologia patriótica, o filme estabelece uma idealização da cultura grega antiga como símbolo de heroísmo e civilização avançada. Por outro lado, os persas são retratados de forma exagerada e estereotipada, enfatizando sua alteridade em relação aos gregos. Essa representação estética reforça uma visão orientalista, na qual o Oriente é retratado como bárbaro, despótico e inferior. A partir desse ponto pode-se analisar como a estética é utilizada como uma ferramenta de poder, o que abarca uma discussão mais ampla sobre as representações culturais no cinema e a importância de uma abordagem crítica ao interpretar e consumir obras cinematográficas.

Dentro do contexto dos persas, identificam-se várias imprecisões históricas. Em Termópilas, não há registro do uso de elefantes ou rinocerontes, e não há evidências de que o exército persa incluía criaturas monstruosas que claramente foram adicionadas para enfatizar o aspecto fantasioso da narrativa (Figura 9). De acordo com Diaz Plata (2011), o que se destaca na descrição do lado persa é, sobretudo, por um lado, a representação de uma anomalia física,

e, por outro lado, a ostentação óbvia, a extravagância excessiva, apresentada de forma quase caricatural, da qual o andrógino Xerxes é o exemplo paradigmático.



**Figura 9 - Elefantes de batalha do exército persa (300, Warner Bros, 2007).**

Para Diaz Plata (2011), a representação dos persas pelos gregos enfatizava fortemente o uso do ouro como um elemento essencial na sua caracterização. No entanto, a controvérsia em torno dessa caracterização exagerada revela-se infundada, visto que ela é mais uma reelaboração estilizada do estereótipo do persa na ficção ocidental. Uma representação potencialmente mais problemática é a descrição dos persas como predominantemente de pele escura (Figura 10). Isso pode ser interpretado como uma estratégia para destacar a diferença cultural dos persas, contrastando-os com os "arianos" espartanos. O exagero presente na representação dos persas como uma horda demoníaca bizarra serve para intensificar o caráter épico da narrativa.



**Figura 10 - Emissário persa (300, Warner Bros, 2007).**

A imagem em *300* é caracterizada por uma estética que visa criar um ritmo dinâmico e envolvente. Ao longo do filme, essa estética se mantém constante, com a saturação de cores e o uso restrito de variações dessas cores, resultando em uma fusão de objetos e movimentos que diluem os limites de suas formas. O diretor Zack Snyder estabelece uma relação entre a arte e o ilusório na imagem, permitindo a criação de um espaço-tempo paralelo ao evento histórico retratado. Ao optar por não retratar a realidade de maneira naturalista, Snyder utiliza a fusão entre arte e ilusão para construir uma realidade alternativa, na qual as regras e leis convencionais não se aplicam (MACIEL, 2009, p. 65).

### **Considerações finais**

Em conclusão, a relação entre cinema e história é complexa e multifacetada. O cinema pode ser uma ferramenta poderosa para representar eventos históricos, permitindo que o público experimente visualmente eventos do passado. No entanto, a representação histórica no cinema apresenta limitações e desafios, incluindo a questão da precisão histórica e a influência do contexto em que o filme foi produzido.

*300* foi um filme importante na história do cinema, influenciando muitos filmes posteriores no gênero de ação e históricos. No entanto, a obra também levanta questões sobre a representação histórica no cinema e a precisão na narrativa. Enquanto muitos filmes históricos tomam liberdades criativas em nome da narrativa, é importante lembrar que o cinema tem o poder de influenciar a compreensão popular da história por meio de suas representações.

É importante lembrar que o cinema é uma construção cultural que reflete as ideologias e valores de sua época. Portanto, a representação histórica no cinema é influenciada por fatores políticos, sociais e culturais. Além disso, o cinema também é afetado pelas expectativas do público em relação a filmes históricos. Muitas vezes, os espectadores esperam ver uma história emocionante e cativante em vez de uma representação precisa e realista da história. Porém, é possível criar filmes que sejam tanto emocionantes quanto precisos historicamente. É importante que os cineastas tenham uma abordagem crítica ao retratar eventos históricos e tentem minimizar os estereótipos culturais. Além disso, é fundamental que o público esteja ciente dos desafios envolvidos na representação histórica no cinema e tenha um senso crítico em relação às obras que assiste.

O filme "300", dirigido por Zack Snyder e baseado na graphic novel de Frank Miller, narra de forma estilizada e dramatizada a Batalha das Termópilas ocorrida em 480 a.C., durante

a Segunda Guerra Persa. A trama centraliza-se no rei espartano Leônidas e seus 300 guerreiros que, apesar de numericamente inferiores, enfrentam o vasto exército persa liderado por Xerxes. A narrativa enfatiza a bravura, a disciplina e o espírito de sacrifício dos espartanos, ao mesmo tempo em que destaca a desproporção de forças e a luta pela liberdade grega contra a tirania oriental. A abordagem visual e narrativa do filme, com seu uso intenso de efeitos especiais e cenas de combate coreografadas, busca transmitir uma sensação épica e heroica, capturando a imaginação do espectador através de uma representação visualmente marcante e emocionalmente carregada.

Entretanto, a representação da Antiguidade em "300" é marcada por diversas simplificações e anacronismos, refletindo mais uma interpretação moderna e estilizada do que um retrato historicamente rigoroso. A caracterização dos persas como figuras quase demoníacas e a glorificação dos espartanos como defensores absolutos da liberdade são exemplos de polarização que não correspondem às complexidades históricas e culturais da época. A estética do filme, com seu exagero visual e narrativo, serve mais para criar um mito moderno do heroísmo e da resistência do que para oferecer uma análise crítica e precisa da história antiga. Assim, "300" pode ser interpretado como uma obra que utiliza o passado como palco para discutir temas contemporâneos de coragem, sacrifício e identidade, enquanto inevitavelmente distorce a realidade histórica para se alinhar aos objetivos narrativos e emocionais de sua produção cinematográfica.

Em resumo, filmes históricos como 300 desempenham um papel importante na forma como a história é retratada e entendida pelo público em geral. É importante que os cineastas reconheçam a influência cultural que o cinema possui e sejam cuidadosos em sua representação histórica. A interpretação cinematográfica, frequentemente, prioriza elementos dramáticos e narrativos que podem distorcer eventos e figuras históricas para melhor se adequar a uma determinada visão estética ou ideológica. Essa abordagem pode levar à perpetuação de mitos e estereótipos, influenciando percepções públicas e até acadêmicas sobre determinados períodos e personagens históricos. Portanto, é crucial que tanto os criadores quanto os espectadores cultivem uma consciência crítica em relação às licenças artísticas tomadas e busquem complementar suas percepções com fontes históricas acadêmicas e documentadas. Somente assim é possível apreciar o valor artístico e narrativo desses filmes sem perder de vista a precisão e a complexidade da história real.

## Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Flávia Lemos Mota; MOTA, Thiago Eustáquio de Araújo. O encontro do cinema contemporâneo com as Histórias de Heródoto: uma análise do filme “300” de Zack Snyder. **História, imagem e narrativas**, Nº 6 – Ano 3, 2008.

BERGES, Cristina Armunia. **Las distintas caras de la historia de los 300 espartanos: Heródoto, Miller y Snyder**. 6 de julio de 2017.

CAIM, Fábio; BRITO, Adelio. A consagração da masculinidade como singularidade em 300 de Frank Miller. **Nona Arte: Revista Brasileira de Pesquisas em Histórias em Quadrinhos**, v. 2, p. 101-109, 2013.

CAPARELLI, Ana Lucia Silvério. **UTILIZANDO O FILME “300” EM SALA DE AULA**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1490-8.pdf>. Acesso em: 25 de janeiro de 2023.

CASTRO, Fernando; JOSÉ, Pedro; NÓBREGA, Arthur; REINALDO, Gabriela Frota. 300 corpos: A representação da imagem do corpo grego na história em quadrinhos e na obra cinematográfica “300”. In: **CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE**, 13. 15-17. jun. 2011. Maceió (AL). Anais... Intercom. 2011.

DÍAZ PLATA, Fátima. "Imperio estético: griegos frente a persas según 300 de Frank Miller". **SÉMATA: Ciencias Sociales e Humanidades**, vol. 23, 2011, p. 335-357.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FERRO, Marc. **O filme: uma contra-análise da sociedade?** In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. **História – novos objetos**. Trad. Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 199-215.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

HERÓDOTO. **Histórias**. Tradução de Mário da Gama Kury. 4. ed. Brasília: Editora da UnB, 1988.

LANGER, Johnni. Metodologia para análise de estereótipos em filmes históricos. **Revista História Hoje**. São Paulo, n.5, 2004.

MACIEL, Walber Góes. **A apropriação de temáticas históricas feita pela indústria cinematográfica hollywoodiana a partir da adaptação da Graphic Novel "Os 300 de Esparta", de Frank Miller**. Monografia (Graduação) - Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, Fortaleza (CE), 2009.

MAIA, Camila Nascimento; COELHO, Maria Cecília. 300 belos e milhares de feios: uma análise da representação de gregos e persas. In: Gabriele Cornelli; Luciano Coutinho. (Org.).

**Estudos clássicos IV: Percursos.** 1aed. Brasília/Coimbra: Annablume Editora/ Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018, v. 4, p. 476-501.

MILLER, Frank. **300.** Nova Iorque: Dark Horse Comics, 2007.

MOCELLIN, Renato. **Ressurreições luminosas - cinema, história e escola: análise do discurso em épicos hollywoodianos sob a perspectiva do letramento midiático.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, 2009.

NÓVOA, Jorge. Imagens, imaginário e representações da história a partir do filme Gladiador. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 21, 2012.

OLIVEIRA, Gláucia Maria; SOUZA, Julierme Sebastião. Marc Ferro (1924) e a incorporação do Cinema como objeto de pesquisa nos Estudos Históricos. In: **CEPE - Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG.** Anais do Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG. Anápolis - GO: Open journal Systems, 2018.

ROSENSTONE, Robert A. **El pasado en imágenes - el desafío del cine a nuestra idea de la historia.** Barcelona: Ed. Ariel, 1997.

SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes. 300 e o espelho dos 'antigos': homoerotismo e alegoria política entre ocidente e oriente. **REVISTA PORTO**, v. 2, p. 114, 2013.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos.** 2. ed., 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

## Anexos

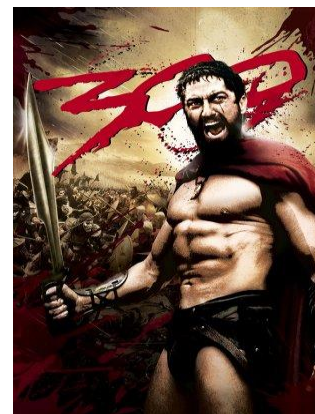
### Ficha técnica:

**título original:** 300

**gênero:** Aventura

**duração:** 01 hs 57 min

**ano de lançamento:** 2007



**site oficial:** [http://www.br.warnerbros.com/300/?frompromo=movies\\_maintout\\_300](http://www.br.warnerbros.com/300/?frompromo=movies_maintout_300)

**Estúdio:** Warner Bros Pictures / Virtual Studios / Legendary Pictures / Hollywood Gang Productions / Atmosphere Entertainment MM

**distribuidora:** Warner Bros

**direção:** Zack Snyder

**roteiro:** Kurt Johnstad, Zach Snyder e Michael Gordon, baseado em graphic novel de Frank Miller e Lynn Varley

**produção:** Mark Canton, Bernie Goldman, Gianni Nunnari e Jeffrey Silver

**música:** Tyler Bates

**fotografia:** Larry Fong

**direção de arte:** Isabelle Guay, Nicolas Lepage e Jean-Pierre Paquet

**figurino:** Michael Wilkinson

**edição:** William Hoy

**efeitos especiais:** Animal Logic / Lola Visual Effects / Spectral Motion Inc. / Buzz Image Group / Hydraulx / Meteor Studios / Pixel Magic / CA Scanline Production GmbH / Gentle Giant Studios Inc. / Hybride Technologies / Screaming Death Monkey

**Sinopse:** O rei Leônidas (Gerard Butler) e seus 300 guerreiros de Esparta lutam até a morte contra o numeroso exército do rei Xerxes (Rodrigo Santoro). O sacrifício e a dedicação destes homens uniram a Grécia no combate contra o inimigo persa.

**Elenco:** Lena Headey (Rainha Gorgo); David Wenham (Dilios); Dominic West (Theron); Vincent Regan (Capitão); Michael Fassbender (Stelios); Rodrigo Santoro (Xerxes); Andrew Tiernan (Ephialtes); Andrew Pleavin (Daxos); Tim Connolly (Pai de Leônidas); Marie-Julie Rivest (Mãe de Leônidas); Tyler Max Neitzel (Leônidas - 12 anos); Gerard Butler (Rei Leônidas); Tyrone Benskin (Emissário persa).